



LUND UNIVERSITY

Variedades da Experiência Anômala

Cardeña, Etzel

Published in:
Fator Psi

2001

Document Version:
Förlagets slutgiltiga version

[Link to publication](#)

Citation for published version (APA):
Cardeña, E. (2001). Variedades da Experiência Anômala. *Fator Psi*, 2, 87-95.

Total number of authors:
1

Creative Commons License:
Ospecificerad

General rights

Unless other specific re-use rights are stated the following general rights apply:
Copyright and moral rights for the publications made accessible in the public portal are retained by the authors and/or other copyright owners and it is a condition of accessing publications that users recognise and abide by the legal requirements associated with these rights.

- Users may download and print one copy of any publication from the public portal for the purpose of private study or research.
- You may not further distribute the material or use it for any profit-making activity or commercial gain
- You may freely distribute the URL identifying the publication in the public portal

Read more about Creative commons licenses: <https://creativecommons.org/licenses/>

Take down policy

If you believe that this document breaches copyright please contact us providing details, and we will remove access to the work immediately and investigate your claim.

LUND UNIVERSITY

PO Box 117
221 00 Lund
+46 46-222 00 00

- STANFORD, R.G. ESP research and internal attention states: Sharpening the tools of the trade. En L. Coly and J.D.S. McMahon (Eds.), **Psi research methodology: A re-examination** (p. 189-242). New York: Parapsychology Foundation., 1993a.
- STANFORD, R.G. [Comentarios]. En L. Coly and J.D.S. McMahon (Eds.), **Psi research methodology: A re-examination** (p. 244-245). New York: Parapsychology Foundation, 1993b.
- STANFORD, R.G.; NEYLON, A. Experiential factors related to free-response clairvoyance performance in a sensory uniformity setting (ganzfeld). In J.D. Morris, W.G. Roll, and R.L. Morris (Eds.), **Research in parapsychology 1974** (p. 89-93). Metuchen, NJ: Scarecrow Press, 1975.
- TART, C.T. (Ed.). **Altered states of consciousness**. New York: Wiley, 1969.
- TART, C.T. States of consciousness and state-specific sciences. **Science**, 176, p. 1203-1210, 1972.
- TART, C.T. **States of consciousness**. New York: E.P. Dutton., 1975.
- TART, C.T. Psi functioning and altered states of consciousness: A perspective. In B. Shapin and L. Coly (Eds.), **Psi and states of awareness** (p. 180-207). New York: Parapsychology Foundation, 1978.
- ZANGARI, W. A psicología do ganzfeld. En A. Parra (Ed.), **Segundo Encuentro Psi 1996** (p.180-186). Buenos Aires: Instituto de Psicología Paranormal, 1996.

Variedades de Experiência Anômala

Erzel Cardena, Stanley Krippner, Steven J. Lynn

É possível que o primeiro texto do que pode ser chamado "psicologia do anômalo" tenha sido escrito pelo psicólogo dinamarquês Alfred Lehmann (1898). Tendo recebido seu doutorado em Psicologia Experimental de Wilhelm Wundt, a percepção era uma das especialidades de Lehmann. Seu livro, entitulado "Superstition and Magic", enfocava erros observacionais tais como a má interpretação dos efeitos óticos responsáveis pelo sistema errôneo de crença das pessoas. Contudo, Lehmann admitiu que alguns fenômenos extraordinários poderiam ter que esperar por uma explicação científica.

Alguns anos depois, o psicólogo Joseph Jastrow (1900) reuniu uma série de seus ensaios que foram publicados em um livro intitulado "Fact and Fable in Psychology".

Esses ensaios tratam de experiências anômalas e fornecem explicações científicas convencionais. Jastrow demonstrou o quanto a experiência subjetiva é *'reified'*, o quanto o sistema de crenças influencia as interpretações da experiência, e como a especulação é priorizada em detrimento da autenticação. Num livro posterior, Jastrow (1935) propôs que o "pensamento tendencioso" interfere com a racionalidade, e sistematicamente estendeu essa hipótese a várias experiências anômalas. "The Psychology of Anomalous Experience" foi outro texto dentro do tema, escrito pelo psicólogo canadense George Reed (1972) e, mais tarde, revisado (Reed, 1988). Esse livro discute as anomalias de atenção, de crença, julgamento, consciência, rememoração, reconhecimento, percepção e imaginário, e resolução de problemas que são "irregulares, desordenados, ou não usuais" (1988, p. 9). Num artigo

pioneiro, o sociólogo Marcello Truzzi (1971) escreveu que fenômenos anômalos “contradizem o bom senso ou o conhecimento institucionalizado (científico ou religioso); eles são ‘anômalos’ para o nosso repertório cultural de verdades geralmente aceitas” (pág. 367).

O antropólogo Roger Wescott (1977, 1980) sugeriu que ‘anomalous’ fosse usado como um prefixo ao nome de qualquer disciplina relacionada aos alegados eventos extraordinários não explicados pelas teorias científicas aceitas atualmente. Leonard Zusne e Warren H. Jones (1980, 1989) usaram o termo para prefaciar o título de seu livro, “Anomalous Psychology”, cuja segunda edição recebeu o subtítulo “A Study of Magical Thinking” porque sustentaram que o “pensamento mágico está total ou parcialmente na raiz de qualquer explicação dos fenômenos comportamentais ou experienciais que violem alguma lei de natureza; ou sugiram, sem apoio na evidência, a existência de princípios, de forças, ou de entidades desconhecidas pela ciência” (pág. 13). Para eles, fenômenos psicológicos anômalos são “aqueles comportamentos e experiências que parecem violar as leis naturais” (p. IX). Sua utilização da palavra “violar” difere substancialmente do termo “inexplicado”, usado por Wescott, com referência à principal corrente das teorias científicas e suas “leis” compatíveis.

Nosso uso do termo “experiência anômala” é semelhante ao empregado por Wescott, contudo, mais ligado à sua etimologia. A palavra “anomalous” em inglês deriva do grego “anomalos” e significa “irregular”, “diferente” ou “desigual”, em contraste a “homalos” que significa “o mesmo” ou “comum”. Conseqüentemente, uma “experiência anômala” é “irregular” no que difere das “experiências comuns”. Ela é “outra” no que não é a mesma que as experiências “comuns” e “ordinárias”. Ela é “desigual” no que lhe falta em poder para conseguir a mesma atenção dada às experiências ordinárias. Conseqüentemente, uma “experiência” anômala é incomum e/ou diverge de um paradigma explicativo dominante. Nós não propomos “erros observacionais”, “pensamento tendencioso” ou “pensamento mágico” como explicações para essas experiências, embora tais atribuições possam ser apro-

priadas a muitos casos individuais. Nem assumimos que essas experiências “violem leis naturais”, neste caso, os paradigmas da psicologia científica. Por exemplo, Bratus (1990) usou o termo “anormalias da personalidade” para descrever muitas pessoas consideradas “anormais” por outros escritores. Opondo-se ao uso tanto do critério estatístico como do psicanalítico para determinar o que é “normal”, Bratus substituiu a terminologia de desumanização e as conceitualizações pelo enfoque numa atividade incomum que envolva criatividade, valores, e busca de significado que, não obstante, se adapte àqueles indivíduos em questão.

Zusne e Jones (1989) apontaram um ponto de partida útil quando, na comparação do sangramento de úlceras pépticas com “estigmas”, registraram: “A diferença entre o psicofisiologicamente normal e o psicofisiologicamente anômalo é apenas uma questão de incidência estatística e contexto cultural dentro do qual o evento ocorre” (p. 34). Sob a nossa perspectiva, os “estigmatizados” são anômalos porque são raros (sem que sejam patológicos, per si), e não porque algumas pessoas os consideram inexplicáveis - explicações psicológicas e psicofisiológicas existem dentro do contexto dos paradigmas científicos atuais (Zusne & Jones, 1989, pp. 54-56). Na comparação, as assim chamadas experiências “telepáticas” são relativamente usuais (MacDonald, 1994) embora sejam anômalas no sentido de que sua ocorrência exija ainda uma explicação plena; Ray Hyman (Hyman & Honorton, 1986), um famoso crítico dos dados da pesquisa parapsicológica, admite que muito daquilo que tem ocorrido sob condições controladas não pode ser explicado racionalmente por informação seletiva ou metanálise (p.352).

Várias organizações independentes e suas publicações representam aquilo a que Wescott (1980) se referiu como “campo interdisciplinar” que denominou “anômalo”. A Sociedade de Exploração Científica e seu “Jornal de Exploração Científica” são os mais conhecidos, talvez, e dão suporte às convenções anuais. “O Anômalo” e o “Zetetic Escolar” são jornais menos renomados, enquanto que “O Projeto livro

Fonte" é um volumoso trabalho sobre eventos anômalos, experiências, e relatórios. Truzzi (1996) evidencia que as "anomalias" não se referem aos alegados fenômenos metafísicos, sobrenaturais, ou teológicos; mas apenas àqueles que reivindicam serem testáveis, refutáveis, e/ou verificáveis. O "anômalo" busca explicações sensatas, cabendo o ônus da prova ao reivindicador, e espera pela evidência de uma reinvidicação para ser avaliado seu grau de excepcionalidade. Exige investigação em primazia ao julgamento, e assegura que uma inexistência de evidência não constitui evidência de inexistência. Em sendo a ciência um sistema aberto, os "anomalismos" devem evitar os erros tipo I (pensar que algo especial esteja acontecendo quando não está) e os erros tipo II (pensar que nada de especial esteja ocorrendo quando algo realmente raro ocorre).

Nossa meta fundamental ao compilar os capítulos deste livro foi chamar a atenção para as várias experiências humanas significativas - desprezadas por muito tempo, ignoradas, ou até mesmo escarnecidas. Essas experiências são exemplos de a que se referem os pós-modernistas como "o outro", aqueles fenômenos que ficaram entre as rachaduras das estruturas construídas por psicólogos contemporâneos, ou em alguns casos descartadas uma vez construídas. Ao escrever esses capítulos nós e nossos colegas não discutimos a veracidade ou a interpretação das experiências anômalas, mas focalizamos a natureza dos relatos descritivos dos experienciadores e em como esses registros podem informar os psicólogos, psicoterapeutas, e profissionais afins, interessados na extensão plena da condição humana.

Cada capítulo abrange temas de modelos explicativos e metodologia de pesquisa, mas uma abordagem plena desses tópicos está além do alcance desse livro. Em vez disso, os capítulos desse livro foram preparados no espírito do empirismo radical de William James que estendeu a investigação das fronteiras científicas para a totalidade da experiência humana. O título de nosso livro presta homenagem ao volume clássico de James (1902/1961) "As Variedades de Experiência Religiosa".

James não foi o único sócio da vanguarda científica que explorou as experiências anômalas. Seu amigo, Theodore Flournoy (1900/1963), professor de psicologia na Universidade de Genebra, efetuou um estudo de caso detalhado de um médium que falava com vozes diferentes, escrevia em estilos de letra diferentes, e usava nomes diferentes. Em vez de rotular como mistificação ou referendar a proclamação do médium com respeito a seu contato com o "mundo espiritual", Flournoy montou um caso de personalidade múltipla e fez uma interpretação sofisticada dos fundamentos psicodinâmicos dos idiomas imaginários envolvidos. Um amigo de Flournoy, Carl G. Jung (1902/1970), conduziu um estudo fronteiriço com outra médium, usando um teste de associação de palavras que havia desenvolvido para localizar as origens dos nomes dados por ela não apenas dos próprios "guias espirituais", mas das "forças" que guiam o universo. Jung suspendeu seu trabalho quando o desempenho do médium assumiu aspectos fraudulentos. Ambos os médiuns, incidentalmente, relataram visitas ao planeta o Marte!

Sem sustentar a presença de experiências anômalas nos estudo de caso de indivíduos perturbados, ao longo dos anos, as pesquisas sobre pessoas que relatam esses eventos têm encontrado pequena relação com qualquer forma óbvia de psicopatologia (por exemplo, Greeley, 1975; Spanos, Cross, Dickson, & DuBreuil, 1993). A relação entre a psicopatologia e os sistemas de crença que envolve as experiências anômalas é mais complexa por causa da estrutura multidimensional das crenças identificadas em diversos estudos (Krippner & Winkler, 1996). John Kihlstrom (1995) evidenciou a "validade ecológica" dos experimentos psicológicos, e essas preocupações se estendem às coleções de dados quando as experiências anômalas são obtidas através de estudos de casos, observações de campo, levantamentos, questionários, e testes de laboratório.

A atribuição de significado pessoal às experiências anômalas foi feita por escritores tais como o sociólogo James McClenon (1994b) que usa o termo "eventos maravilhosos" (sugerindo que estimulavam o de-

envolvimento de ideologias religiosas), o psicólogo Daniel A. Helminiak (1984) que as chama de “experiências extraordinárias” (direcionado a se elas adiantam o “autêntico crescimento” do experienciador), e a parapsicóloga Rhea A. White (1995) que se refere a elas como “experiências excepcionais humanas” (notando o potencial de “transformação” na vida das pessoas). Os exemplos de McClenon, Helminiak, e White poderiam ser resumidos por nosso termo “experiências anômalas” como eles incluem tais relatos de eventos como experiências de conversão, caminhar sobre brasas, “glossolalia”, experiências de “kundalini” experiências “próximas à morte”, experiências “fora-de-corpo”, experiências de “posseção”, experiências “visionárias”, e xenoglossia.

O que é anômalo em uma cultura pode não sê-lo em outra cultura. O que é anômalo dentro de um paradigma, não necessita sê-lo em outro paradigma. Resumindo numerosas pesquisas realizadas nos Estados Unidos, MacDonald (1994) concluiu que idade, educação, sexo, raça, religião, e condição sócio-econômica influenciam a probabilidade de se reportar a diferentes experiências “paranormais”, atribuindo tais diferenças às diversas “formas de realidades individuais”. MacDonald conjecturou que “a realidade da experiência humana é construída socialmente; logo, está sujeita à variação que depende do contexto social” (pág. 36). As revisões de literatura de McClenon (1994a) sobre os estados alterados de consciência, bem como as pesquisas culturais cruzadas sobre as experiências anômalas o persuadiram de que características como absorção, dissociação, propensão à fantasia, e suscetibilidade hipnótica precisam ser somadas à lista. Ele considera todas essas “capacidades humanas normais que não foram completamente estudadas em populações fora do contexto clínico” (pág. 129). Leonard George (1995) acrescentaria ferimentos de cabeça e anormalidades em lobos temporais (324-325) e McClenon (1994a, pág. 130) também colocou as capacidades genéticas.

Um grupo de psicólogos, Charles Gallagher, V.K. Kumar, e Ronald J. Pekala (1994), montaram um Inventário de 98 itens para experiências

anômalas contendo cinco sub-escalas: experiências anômalas/paranormais, crença no anômalo/paranormal, habilidades anômalas/paranormais, medo do anômalo/paranormal, e uso de drogas. O inventário demonstrou valores de confiabilidade satisfatória, bem como também um moderado grau de validade convergente. O emergente interesse científico nas experiências anômalas é demonstrado também pela determinação de termos menos valorizados do que termos como “alucinação” e “pensamento primitivo” que foram aplicados a experienciadores sem aparente história de psicopatologia. Por exemplo, o psiquiatra Ian Stevenson (1995) propôs o palavra “idiofania” significando “uma percepção particular”, para “evitar o estigma preso às alucinações tornando, assim, mais fácil para as pessoas que têm percepções incomuns informa-las aos cientistas interessados” (pág. 352). O psicólogo Daniel Lapin (1997, pág. 264) propôs usar “sujeição” para descrever o terror da morte, substituindo a errônea designação comumente usada, de “estado hipnótico”.

Em conclusão, é óbvio que é chegado o tempo de psicólogos e outros cientistas sociais e comportamentais reconsiderarem as variedades das experiências anômalas. Esses relatórios podem propiciar importantes, e até mesmo indispensáveis, “insights” para o futuro da pesquisa: teórica, e prática. As tarefas iminentes não serão simples como já demonstraram os fenômenos, em sua complexidade. Esperamos que esta matéria proporcione um registro de quão longe essa área da ciência chegou, e um estímulo para o trabalho que ainda necessita ser realizado.

Referências Bibliográficas

- BRATUS, B. S. *Anomalies of personality*. Orlando, FL: Paul M. Deutsch Press, 1990.
- FLOURNEY, T. *From India to the planet Mars: A case study in multiple personality with imaginary languages*. New Hyde Park, NY: University Books, 1963. (Original work published 1900)
- GALLAGHER, C., KUMAR, V. K., & PEKALA, R. J. *The Anomalous*

- Experiences Inventory: Reliability and validity. In *Journal of Parapsychology*, 58, 1994 (p. 402-428).
- GEORGE, L. **Alternative realities: The paranormal, the mystic and the transcendent in human experience.** New York: Factson File, 1995.
- GREELEY, A.M. **The sociology of the paranormal: A reconnaissance.** Beverly Hills, CA: Sage, 1975.
- HELMINIAK, D.A. Neurology, psychology, and extraordinary religious experiences. In *Journal of Religion and Health*, 23, 1984 (p. 33-46).
- HYMAN, R., & HONORTON, C. A joint communique: The psi ganzfeld controversy. In *Journal of Parapsychology*, 50, 1986 (p. 351-364).
- JAMES, W. **The varieties of religious experience: A study in human nature.** New York: Collier, 1961. (original work published 1902)
- JASTROW, J. **Fact and fable in psychology.** Boston: Houghton Mifflin, 1900.
- JASTROW, J. **Wish and wisdom.** New York: Appleton-Century, 1935.
- JUNG, C. G. On the psychology and pathology of so-called occult phenomena. In *The collected works of C.G. Jung*, Vol. 1. Princeton, NJ: Princeton University Press, 1970. (Original work published 1902).
- KILHSTROM, J. (September). On the validity of psychology experiments. In *APS Observer* (American Psychological Society), 1995 (p. 10-11).
- KRIPPNER, S., & WINKLER, M. The need to believe. In G. Stein (Ed.), **The encyclopedia of the paranormal** (p.441-454). Amherst, NY: Prometheus Books, 1996.
- LAPIN, D. Dissociation in terror of death: The hypnotoid state revisited. In S. Krippner & S. Powers (Eds.), **Brokenimages, broken selves: Dissociative narratives in clinical practice**. (p. 248-273). New York: Brunner/Mazel, 1997.
- LEHMANN, A. **Aberglaube und Zaubererei** [Superstition and magic]. Stuttgart: Enke, 1898.
- MACDONALD, W. L. The popularity of paranormal experiences in the United States. In *Journal of American Culture*, 17, 1994 (p.35-42).
- MCCLENON, J. Surveys of anomalous experiences: Across-cultural analysis. In *Journal of the American Society for Psychical Research*, 88, 1994a (p. 117-135).
- MCCLENON, J. **Wondrous events: Foundations of religious beliefs.** Baltimore: University of Pennsylvania Press, 1994b.
- REED, G. **The psychology of anomalous experience.** London: Hutchinson University Library, 1972.
- REED, G. **The psychology of anomalous experience** (rev. ed.). Buffalo, NY: Prometheus Books, 1988.

- SPANOS, N. P., Cross, P.A., Dickson, K., & DuBreuil, S.C. Close encounters: An examination of UFO experiences. In *Journal of Abnormal Psychology*, 102, 1993 (p. 624-632).
- STEVENSON, I. Six modern apparitional experiences. In *Journal for Scientific Exploration*, 9, 1995 (p. 351-366).
- TRUZZI, M. Definition and dimensions of the occult: Toward a sociological perspective. In *Journal of Popular Culture*, 5, 1971 (p. 635-646).
- TRUZZI, M. Pseudo science. In G. Stein (Ed.), **Encyclopedia of the paranormal**, (p. 560-575). Amherst, NY: Prometheus Books, 1996.
- WESCOTT, R. Paranthropology: A nativity celebration and a communion commentary. In J. K. Long (Ed.), **Extrasensory ecology: Parapsychology and anthropology**, (p. 331-346). Metuchen, NJ: Scarecrow Press, 1977.
- WESCOTT, R. Introducing anomalistics: A new field of interdisciplinary study. In *Kronos*, 5, 1980 (p. 36-50).
- WHITE, R. A. Exceptional human experiences and the experiential paradigm. In *ReVision*, 18 (2), 1995 (p. 18-25).
- ZUSNE, L., & Jones, W. H. **Anomalistic psychology.** Hillsdale, NJ: Lawrence Erlbaum, 1980.
- ZUSNE, L., & Jones, W. H. **Anomalistic psychology: A study of magical thinking** (2nd ed.). Hillsdale, NJ: Lawrence Erlbaum, 1989.